

# SEMANA MISSIONÁRIA HOSPITALAIREA

18-24 de outubro de 2021



Não podemos deixar de afirmar  
o que vimos e ouvimos



Testemunhas e profetas  
de Hospitalidade



## Mensagem de Sua Santidade o Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões de 2021 (Excertos)

*Queridos irmãos e irmãs!*

Quando experimentamos a força do amor de Deus, quando reconhecemos a sua presença de Pai na nossa vida pessoal e comunitária, não podemos deixar de anunciar e partilhar o *que vimos e ouvimos*. A relação de Jesus com os seus discípulos, a sua humanidade que nos é revelada no mistério da Encarnação, no seu Evangelho e na sua Páscoa mostram-nos até que ponto Deus ama a nossa humanidade e assume as nossas alegrias e sofrimentos, os nossos anseios e angústias (cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, 22). Tudo, em Cristo, nos lembra que o mundo em que vivemos e a sua necessidade de redenção não Lhe são estranhos e também nos chama a sentirmo-nos parte ativa desta missão: «Ide às saídas dos caminhos e convidai todos quantos encontrardes» (cf. *Mt* 22, 9). Ninguém é estranho, ninguém pode sentir-se estranho ou afastado deste amor de compaixão.

A história da evangelização tem início com uma busca apaixonada do Senhor, que chama e quer estabelecer com cada pessoa, onde quer que ela esteja, um diálogo de amizade (cf. *Jo* 15, 12-17). Os Apóstolos são os primeiros que nos referem isso, lembrando inclusive a hora do dia em que O encontraram: «Eram as quatro da tarde» (*Jo* 1, 39). A amizade com o Senhor, vê-Lo curar os doentes, comer com os pecadores, alimentar os famintos, aproximar-Se dos excluídos, tocar os impuros, identificar-Se com os necessitados, fazer apelo às bem-aventuranças, ensinar de maneira nova e cheia de autoridade, deixa uma marca indelével, capaz de suscitar admiração e uma alegria expansiva e gratuita que não se pode conter.

E, no entanto, os tempos não eram fáceis; os primeiros cristãos começaram a sua vida de fé num ambiente hostil e árduo. Histórias de marginalização e prisão entrelaçavam-se com resistências internas e externas, que pareciam contradizer e até negar o que tinham visto e ouvido; mas isso, em vez de ser uma dificuldade ou um obstáculo que poderia levá-los a retrair-se ou fechar-se em si mesmos, impeliu-os a transformar cada incómodo, contrariedade e dificuldade em oportunidade para a missão. Os próprios limites e impedimentos tornaram-se um lugar privilegiado para ungir, tudo e todos, com o Espírito do Senhor. Nada e ninguém podia permanecer alheio ao anúncio libertador.

O mesmo se passa connosco: o momento histórico atual também não é fácil. A situação da pandemia evidenciou e aumentou o sofrimento, a solidão, a pobreza e as injustiças de que já tantos padeciam, e desmascarou as nossas falsas seguranças e as fragmentações e polarizações que nos dilaceram silenciosamente. Os mais frágeis e vulneráveis sentiram ainda mais a sua vulnerabilidade e fragilidade. Experimentamos o desânimo, a deceção, o cansaço; e até a amargura conformista, que tira a esperança, se apoderou do nosso olhar. Nós, porém, «não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor, e nos consideramos vossos servos por amor de Jesus» (*2cor* 4, 5). Por isso ouvimos ressoar nas nossas comunidades e famílias a Palavra de vida que ecoa nos nossos corações dizendo: «Não está aqui; ressuscitou» (*Lc* 24, 6).

Neste tempo de pandemia, perante a tentação de mascarar e justificar a indiferença e a apatia em nome dum sadio distanciamento social, é urgente a *missão da compaixão*, capaz de fazer da distância necessária um lugar de encontro, cuidado e promoção. «O que vimos e ouvimos» (*At* 4, 20), a misericórdia com que fomos tratados, transforma-se no ponto de referimento e credibilidade que nos permite recuperar e partilhar a paixão por criar «uma comunidade de pertença e solidariedade, à qual saibamos destinar tempo, esforço e bens» (Francisco, Carta encíclica *Fratelli tutti*, 36).

Jesus Cristo vive verdadeiramente» (Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 275) e, também a nós, nos quer vivos, fraternos e capazes de acolher e partilhar esta esperança. No contexto atual, há uma urgente necessidade de missionários de esperança

que, ungidos pelo Senhor, sejam capazes de lembrar profeticamente que ninguém se salva sozinho.

O lema do Dia Mundial das Missões deste ano – «**não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos**» (At 4, 20) – é um convite dirigido a cada um de nós para cuidar e dar a conhecer aquilo que tem no coração. Esta missão é, e sempre foi, a identidade da Igreja: «ela existe para evangelizar» (Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, 14).

A vocação para a missão não é algo do passado nem uma recordação romântica de outros tempos. Jesus precisa de corações que sejam capazes de viver a vocação como uma verdadeira história de amor, que os faça sair para as periferias do mundo e tornar-se mensageiros e instrumentos de compaixão. E este apelo é dirigido a todos nós, embora não da mesma forma. Lembremo-nos que existem periferias que estão perto de nós, no centro duma cidade ou na própria família. Há também um aspeto da abertura universal do amor que não é geográfico, mas existencial. Sempre, mas especialmente nestes tempos de pandemia, é importante aumentar a capacidade diária de alargar os nossos círculos, chegar àqueles que, espontaneamente, não sentiria como parte do «meu mundo de interesses», embora estejam perto de cada um de nós (cf. Francisco, Carta encíclica *Fratelli tutti*, 97).

Oxalá que Maria, a primeira discípula missionária, faça crescer em todos nós, os batizados, o desejo de sermos sal e luz nas nossas terras (cf. Mt 5, 13-14).

## **Dia 18 de outubro, segunda-feira**

### **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* [n. 262 e 263]**

#### **Motivações para um renovado impulso missionário**

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o Evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, abatemo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração, e alegra-me imenso que se multipliquem, em todas as instituições eclesiais, grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, adorações perpétuas da Eucaristia. Ao mesmo tempo, «há que rejeitar a tentação de uma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação». Corre-se o risco de alguns momentos de oração se tornarem uma desculpa para evitar de dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a refugiarem-se nalguma falsa espiritualidade.

É salutar recordar os primeiros cristãos e tantos irmãos que, ao longo da história, se mantiveram transbordantes de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio e capazes de uma grande resistência ativa. Há quem se console, dizendo que hoje isso é mais difícil; temos, porém, de reconhecer que o contexto do Império Romano não era favorável ao anúncio do Evangelho, nem à luta pela justiça, nem à defesa da dignidade humana. Em cada momento da História, estão presentes a fraqueza humana, a busca doentia de si mesmo, a comodidade egoísta e, por fim, a concupiscência que nos ameaça a todos. Isto está sempre presente, de

uma forma ou de outra; deriva mais da limitação humana do que das circunstâncias. Por isso, não digamos que hoje é mais difícil; é diferente. Em vez disso, aprendamos com os Santos que nos precederam e enfrentaram as dificuldades próprias do seu tempo. Com esta finalidade, proponho-vos que nos detenhamos a recuperar motivações que nos ajudem a imitá-los nos nossos dias.

## **Dia 19 de outubro, terça-feira**

### **Hospitalidade em missão**

*Irmã Anabela Moreira, Superiora Geral das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus (Excertos de Circulares)*

Consciente de que a qualidade da vida fraterna é um pilar fundamental da nossa vida hospitaleira e também uma forma concreta de evangelizar, Anabela Carneiro convida-nos a não nos deixarmos ser "Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização", evitando um compromisso sério e caindo na acédia egoísta e paralisadora, perante a necessidade de levar sal e luz ao mundo; realizando uma atividade evangelizadora que nos desgasta e dececiona porque não se faz a partir de verdadeiras motivações nem se baseia numa espiritualidade forte, esquecendo que evangelizar consiste, sobretudo, em dar uma resposta alegre de amor a Deus que nos convoca para a missão e nos torna completos e fecundos.

Ressuscitemos para essa nova vida que nos faz experimentar a alegria de anunciar Jesus misericordioso na simplicidade e na entrega da nossa vida hospitaleira.

Ressuscitemos para essa nova vida de nos assumirmos sempre "em missão", independentemente das tarefas que realizamos, ou que não podemos realizar, encarnando na vida quotidiana o nosso lema de vida: "servir e amar com alegria" (*Circular nº 29, 01/04/2020*).

Da fonte de água viva para o mundo... É a segunda parte da súplica que fazemos no *Recordai-Vos*, pedindo que Deus derrame sobre o mundo a esperança e a salvação, a justiça e a paz, dons que ousos substituir por consolação, esperança e hospitalidade, tendo em conta a realidade que vivemos, a nível mundial e congregacional.

O Senhor derrama abundantemente esses dons do seu coração sobre a humanidade, mas quer servir-se de nós, tanto no plano pessoal como congregacional, de modo que sejamos "instrumentos" para a sua concretização; a súplica deve tornar-se "carne" em nós, nas nossas palavras, nos nossos gestos, nos nossos sentimentos, na nossa vida. Tu, minha irmã, és chamada a ser instrumento de consolação, de esperança e de hospitalidade; da mesma forma, a Congregação, no meio dos seus desafios e esperanças, é hoje chamada a testemunhar a consolação, a esperança e a hospitalidade.

Neste sentido, além do que compartilho de maneira simples, quero convidar cada comunidade a refletir sobre as maneiras concretas e criativas de viver o conforto, a esperança e a hospitalidade, ad intra, nos nossos ambientes comunitários e nas obras hospitaleiras, e ad extra, em relação às pessoas com quem nos encontramos.

Perante as situações de sofrimento que são dilacerantes para a humanidade e que nós, devido à nossa vocação samaritana, conhecemos muito diretamente, é urgente que sejamos mulheres capazes de consolar, de ser testemunhas da misericórdia e ternura do Senhor; mas, como nos recorda o Papa Francisco, "só poderemos ser portadores se nós mesmas experimentarmos, primeiro, a alegria de sermos consolados por Ele, de sermos amados por

Ele. Isto é importante para que a nossa missão seja fecunda: sentir a consolação de Deus e transmiti-la!”.

Como expressões concretas de consolação, sublinho de modo particular a proximidade e o cuidado, expressão de como o outro e a sua realidade são mais importantes que nós mesmas e que o seu sofrimento não nos deixa indiferentes; a escuta e o acolhimento, permitindo-lhes sentir-se acolhidas e comunicar, quer verbalmente quer não, as suas ansiedades e esperanças, os seus desejos e desânimos, as suas tristezas e alegrias; a presença amável e silenciosa, que não utiliza palavras ocas, mas sabe "estar com", tornando-se um bálsamo salutar quando a dor se torna forte e, às vezes, insuportável.

podemos escutar esse chamamento a sermos "artesãs da hospitalidade", tecendo, nas nossas relações e no serviço apostólico, gestos samaritanos que nos configuram e confirmam como testemunhas de Jesus compassivo e misericordioso.

O Documento do Capítulo apresenta vários exemplos concretos de como podemos ser “artesãs da hospitalidade”, de “praticar a hospitalidade”, mas ousou propor três aspetos que considero importantes para os nossos dias: o serviço humilde e alegre, prestado tanto em relação às nossas Irmãs na comunidade como nas obras apostólicas que nos são confiadas; a disponibilidade para o envio, antepondo aos próprios interesses e gostos pessoais os da missão e do reino; a gratuidade em suportarmos reciprocamente os pesos umas das outras (cf. Gl 6,2). (*Circular nº 44, 28/5/2020*).

## **Dia 20 de outubro, quarta-feira**

### ***Em missão de misericórdia e hospitalidade “hoje”***

Ordem Hospitaleira, *Caminho de Hospitalidade segundo o estilo de S. João de Deus, 2003*, 71-74.

Vivemos na sociedade do movimento, da globalização. Vivemos em sociedades multiculturais, que nos fazem descobrir e sentir o pluralismo. É-nos pedida tolerância para com o diverso, o outro, o estranho. Esta situação faz-nos ver que já não há blocos compactos, homogêneos, que deixou de haver realidades totalmente definidas e delimitadas; surpreendemo-nos ao constatar que o que é próprio se torna estranho e o que inicialmente era estranho, diverso, passa para o âmbito próprio. As sociedades complexas exigem uma maior sensibilidade para responder às exclusões que a afirmação exagerada da identidade ou qualquer outra ordem social originam.

São sobejamente conhecidas as situações perversas do mundo de hoje. O número de pobres e de pessoas marginalizadas não só não diminui como não pára de crescer, apesar das novas tecnologias e dos processos de globalização. A conceção sagrada do ser humano cede o lugar perante os ídolos diante dos quais se prostram as sociedades modernas, prestando-lhes culto. A educação que a sociedade (meios de comunicação, ambiente socioeconómico) oferece às novas gerações não enaltece o valor da hospitalidade, mas, antes, privilegia o individualismo, uma visão materialista e hedonística da vida.

O rápido crescimento da população faz surgir novos desafios; desenraizamento das famílias, urbanização, exploração insustentável dos recursos disponíveis e acessíveis para satisfazer as grandes necessidades da população. Em muitos lugares e em muitas pessoas, parece ter-se perdido o sentido da sacralidade da vida: guerras fratricidas, violência contra mulheres indefesas, exploração de crianças inocentes, capitalismo desumano que alarga cada vez mais o fosso cavado entre ricos e pobres. Há um grande desnível entre os cerca de 30% de seres humanos que vivem

na opulência material e os 70% que estão condenados a manter-se na pobreza, privados dos bens indispensáveis para as suas necessidades básicas

As atitudes de acolhimento e reconhecimento, de serviço e de solidariedade (hospitalidade!) dos nossos contemporâneos revelam todo o seu esplendor em múltiplas instituições e iniciativas: diversas formas de voluntariado, muitas ONG, instituições sociais de todo o tipo, exércitos de paz, movimentos a favor da justiça, da ecologia, da dignidade humana, rejeição de todo o tipo de xenofobia, etc. Há igualmente muitos povos na Terra que conservam as suas preciosas tradições de hospitalidade como um valor inestimável. É verdade, por outro lado, que, nestes povos, o valor da hospitalidade tem vindo a diminuir em benefício de um outro valor – ainda mais fundamental – a segurança; a insegurança provocada pela violência, por guerras, pela criminalidade organizada, pelo terrorismo, tornou-se um fenómeno tão ameaçador que os valores tradicionais da hospitalidade se veem fortemente afetados.

A Ordem pretende estar à altura dos tempos e responder com novo vigor à sua vocação específica, oferecendo âmbitos em que a organização, o profissionalismo a técnica e a humanização se conjuguem e harmonizem com atitudes e gestos de acolhimento, de serviço, de solidariedade e de eliminação do sofrimento, físico e moral.

## **Dia 21 de outubro, quinta-feira**

### **Inculturação**

**Stephen Bevans**, Sociedade do Verbo Divino (SVD),  
Professor de Missão e Cultura, União Teológica Católica de Chicago (EUA)

Ao longo da história da Igreja houve muitos cristãos proféticos que praticaram de alguma forma aquilo a que hoje chamamos "inculturação". Pedro e Paulo, o mártir Justino, Francisco e Clara, de Assis, Ramon Lull, Mateus Ricci, Martin Luther King, Madre Teresa, Roland Allen e Charles de Foucauld são apenas alguns nomes de uma longa lista.

Os missiólogos, particularmente os especialistas em História da Igreja, destacaram recentemente o importante papel desempenhado por estas figuras na História da Igreja e no desenvolvimento da Teologia. Contudo, embora se possa dizer que, de certa forma, a Igreja sempre praticou a inculturação, o que hoje se entende por inculturação não se limita apenas a alguns homens e mulheres "de fronteira", que vivem em situações de perigo, mas faz parte integrante da comunicação autêntica do evangelho. "Podeis, e deveis, ter um cristianismo africano", afirmava Paulo VI, em 1969. "A inculturação... não é apenas uma coisa agradável", escreve o missiólogo evangélico David Hesselgrave: é uma necessidade".

A inculturação ocupa hoje um lugar central na missiologia atual porque a Teologia e a Espiritualidade começaram a reconhecer o papel fundamental da experiência na vida humana. Tradicionalmente, a Teologia era concebida como uma reflexão da fé sobre a Sagrada Escritura e a Tradição. Havia uma única Teologia, válida para sempre e em toda a parte. Quando a Teologia começou a reconhecer a mudança antropológica que tanto marcou a consciência ocidental moderna, a experiência assumiu nela um papel cada vez mais influente. Mas não foi só a experiência que se acrescentou simplesmente às fontes tradicionais. A viragem antropológica provou que a Sagrada Escritura e a Tradição foram influenciadas pelas experiências de mulheres e homens que vivem em contextos temporais, geográficos e culturais específicas. Assim, a experiência adquiriu um valor normativo que não tinha tido no passado.

Reconhecemos agora que a Teologia do Ocidente era um produto limitado, contextual, de um determinado conjunto de experiências. Cada época e cada cultura têm a sua validade e precisam de questionar a sua fé nos seus próprios termos: precisam de utilizar as suas próprias lentes para interpretar a Sagrada Escritura, formulações doutrinárias do passado,

práticas éticas e costumes litúrgicos. Toda a experiência do passado (Sagrada Escritura e Tradição) e a experiência do presente (contexto de inculturação) podem interagir de várias maneiras condicionadas por circunstâncias particulares e por convicções teológicas, mas que a fé cristã se deva envolver autenticamente com o contexto é simplesmente um imperativo missiológico.

## **Dia 22 de outubro, sexta-feira**

### **Papa Francisco novas formas de solidariedade**

A principal mensagem de esperança que quero partilhar convosco é precisamente esta: trata-se de problemas resolúveis e não de falta de recursos.

Um mundo rico e uma economia vibrante podem e devem acabar com a pobreza. Podem ser geradas e estimuladas dinâmicas capazes de incluir, alimentar, curar e vestir os últimos da sociedade, em vez de os excluir. Devemos escolher ao quê e a quem dar prioridade: se promovemos mecanismos socioeconómicos humanizadores para toda a sociedade ou, pelo contrário, incentivamos um sistema que acaba por justificar certas práticas que só conseguem aumentar o nível de injustiça e violência social. O nível de riqueza e técnica acumulado pela humanidade, assim como a importância e o valor que os direitos humanos adquiriram, já não permitem desculpas. Cabe a nós estarmos cientes de que todos somos responsáveis. Isto não significa que somos todos culpados, não; somos todos responsáveis para fazer algo.

Uma nova ética significa estar consciente da necessidade de que todos se comprometam a trabalhar em conjunto para fechar paraísos fiscais, impedir a evasão e a lavagem de dinheiro que roubam à sociedade, bem como recordar às nações a importância de defender a justiça e o bem comum sobre os interesses das empresas e multinacionais mais poderosas — que acabam por sufocar e impedir a produção local. O tempo presente exige e requer uma mudança de uma lógica insular e antagónica como único mecanismo autorizado para a solução de conflitos, para outra lógica, capaz de promover a interconexão que favoreça uma cultura de encontro, onde se renovem as bases sólidas de uma nova arquitetura financeira internacional.

Neste contexto onde o desenvolvimento de alguns setores sociais e financeiros atingiu níveis nunca antes vistos, como é importante recordar as palavras do Evangelho de Lucas: «A quem muito foi dado, muito será exigido» (12, 48). Como é inspirador ouvir Santo Ambrósio, que pensa com o Evangelho: «Vós [ricos] não doais o que é vosso aos pobres [quando fazeis caridade], mas dais-lhes o que é deles. Pois, a propriedade comum dada em uso para todos, vós estais a usá-la para vós mesmos» (Nabot 12, 53). Este é o princípio do destino universal dos bens, a base da justiça económica e social, assim como do bem comum.

Celebramos a oportunidade de saber que somos parceiros na obra do Senhor que pode mudar o curso da história em benefício da dignidade de cada pessoa hoje e amanhã, especialmente daqueles que são excluídos, e a favor do grande bem da paz. Lutamos juntos, com humildade e sabedoria, para servir a justiça internacional e intergeracional. Temos esperança ilimitada no ensinamento de Jesus de que os pobres de espírito são bem-aventurados e felizes, porque deles é o Reino do Céu (cf. Mt 5, 3) que começa aqui e agora.

**DISCURSO DO SANTO PADRE FRANCISCO AOS PARTICIPANTES DO SEMINÁRIO “NOVAS FORMAS DE SOLIDARIEDADE” ORGANIZADO PELA PONTIFICA ACADEMIA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. 5 de fevereiro de 2020**

## **Dia 23 de outubro, sábado**

## Tempo de desafios

**Profeti e testimoni, profili del medesimo volto** (*Profetas e testemunhas, perfis do mesmo rosto*), pelo P. Ezio Falavegna, pároco de Verona, professor de Teologia Pastoral na Faculdade de Teologia del Trivéneto, membro da equipa de formação da Fundação *Missio*

Durante os meses de emergência devido à pandemia de Covid-19, todos ouvimos, pelo menos uma vez, a frase: "Nada voltará a ser como dantes", embora, no fundo do nosso coração, todos tenhamos imaginado e esperado que tudo pudesse voltar à normalidade de antes da pandemia, ou melhor, que recuperássemos o tempo e os recursos, a fim de voltarmos ao ritmo de antes, pelo menos para reocuparmos as nossas posições anteriores.

A partir daqui, deveríamos pelo menos partilhar algumas questões: o que estamos a aprender com este tempo e, ao mesmo tempo, que mudanças estão a ocorrer e como podemos imaginar o futuro das nossas comunidades? Que testemunho podemos oferecer como indicador de profecia?

A profecia e o testemunho exigem que nos envolvamos numa ação pastoral responsável, numa tentativa de acolher, discernir e comprometer-nos com o "novo" que, de qualquer forma, este tempo implica, dado que nenhum tempo é alheio à ação do Espírito – a menos que entendamos este tempo como um acidente de percurso, a ser colocado entre parênteses, sem ser considerado como um tempo de vida e de vida eclesial. No entanto, nunca como agora, comparando com as últimas décadas, pudemos experimentar a marginalidade da Igreja e, mais ainda, a expressão comunitária da vida de fé das pessoas.

Prescindindo de polémicas estéreis e assumindo responsabilmente a nossa vida no contexto social e global que nos pertence, temos hoje a possibilidade, única, sob alguns aspetos, de sermos capazes de traduzir em realidade um sonho pastoral que desde há muito acalentávamos. É possível partir e construir o novo, no sentido do que temos vindo a dizer a nós próprios desde há tanto tempo, relativamente a muitos aspetos da nossa vida eclesial: a necessidade de aligeirar a nossa "obesidade pastoral", a necessidade de reelaborarmos o que é essencial, também do anúncio, repensar o caminho formativo da vida cristã, como construir comunidades à medida do Evangelho, um estilo renovado nas relações, repensar as figuras ministeriais, sobretudo as dos presbíteros, recuperar uma qualidade celebrativa, amadurecer espaços reais de proximidade às feridas da vida ...

No entanto, como em todas as oportunidades, tanto podemos rejeitá-las como acolhê-las, assumindo-as e investindo nelas. Também como comunidade eclesial, somos chamados a fazê-lo, sem assumirmos uma atitude de expectativa e de observação.

Devemos dizer a nós próprios, com igual franqueza, que a fadiga de inovarmos que nos espera também revela, como é normal, as nossas fadigas anteriores. De facto, existe o risco de propormos substitutos, em vez de procedermos a uma reflexão mais desafiadora para vislumbrarmos juntos novos caminhos a seguir. Por vezes, contentamo-nos com simples sucedâneos que, de facto, desmascaram o nosso cansaço em construir verdadeiras ações pastorais.

Obviamente, ninguém nega que fizemos tudo o que éramos capazes de fazer, mas ninguém deve deixar-se distrair por aquilo fizemos e estamos realmente a fazer.

Por isso, questionar-se sobre a relação fecunda que existe entre profecia e testemunho e deixar-se educar por este tempo pode permitir-nos alcançar e oferecer palavras do Evangelho: todos esperamos que isso aconteça, que nos tornemos mais audíveis porque nos tornámos mais compreensíveis.

Sim, para serem verdadeiros, os profetas devem necessariamente ser testemunhas de uma história continuamente gerada pela fidelidade de Deus, tal como qualquer testemunha, para

dar um testemunho autêntico do que encontrou, deve inevitavelmente ser um profeta, alguém que, através do relato da sua própria experiência, antecipa algo possível para todos, algo que todos podem ouvir.

Se o profeta escrutina o futuro é para dizer uma palavra cheia de significado e de valor sobre o presente. Se a testemunha fala no presente, é para dizer uma palavra sobre os rebentos que anunciam um futuro de beleza e bondade, porque é obra de Deus.

## **Dia 24 de outubro, domingo**

### **Testemunhas e profetas**

Somos chamados a encarar os dias de hoje e a realidade que nos rodeia com um olhar de confiança e esperança. Estamos certos de que, mesmo no meio da pandemia e das crises que se seguirão e que nos acompanharão por muito tempo, o Senhor nunca nos abandonou e continua a acompanhar-nos. O Reino de Deus não é apenas uma promessa para um futuro que sentimos estar ainda demasiado distante. O seu Reino já foi inaugurado, já está presente: sabemos ler os seus sinais e, como verdadeiros missionários, anunciamo-lo para que possa ser uma esperança regeneradora para todos.

Também a Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões nos exorta a sermos testemunhas e profetas com a mesma coragem de Pedro e João que, perante os representantes do povo e os anciãos, não têm medo de proclamar: "Não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos" (Act 4, 20). Escreve o Papa Francisco: "Há no contexto atual uma necessidade urgente de missionários de esperança que, ungidos pelo Senhor, sejam capazes de nos lembrar profeticamente que ninguém se salva sozinho. Como os Apóstolos e os primeiros cristãos, também nós proclamamos com todas as nossas forças: «Não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos»". E, mais adiante, o Papa Francisco acrescenta: "Os primeiros cristãos, em vez de caírem na tentação de fazerem parte de uma elite, foram atraídos pelo Senhor e pela nova vida que ele oferecia de irem pelo mundo fora e dar testemunho do que tinham visto e ouvido: o Reino de Deus está próximo. Fizeram-no com a generosidade, a gratidão e a nobreza daqueles que semeiam, sabendo que outros colheriam os frutos do seu esforço e do seu sacrifício. Por isso, apraz-me pensar que mesmo os mais fracos, os mais frágeis e os feridos podem ser [missionários] à sua maneira, porque devemos sempre permitir que o bem seja comunicado, mesmo que coexista com muitas fragilidades".